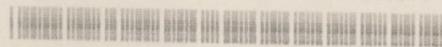


RIBEIRO, José Alexandre dos Santos. Orquestra na Câmara. Correio Popular, Campinas, 22 abr. 1979.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029994

ORQUESTRA NA CÂMARA

Correio Popular 22.4.79

José Alexandre dos Santos Ribeiro

Campinas livrou-se, na noite do último dia 3 de abril, pela prudente e esclarecida decisão de sua Egrégia Câmara Municipal, de cometer um ato insano de vilania cultural, que a deixaria vergonhosamente marcada em todo o país. Isto porque, naquela noite, com a graça de Deus, ficou decidida, pelo Poder Legislativo local, em expressiva consonância com a comunidade, a não-extinção da nossa Orquestra Sinfônica Municipal.

Parece incrível que numa cidade que adora “esnobbar cultura” como a nossa, ainda existam pessoas que, seja sob que pretexto for, osem apresentar a público a idéia da extinção de uma orquestra sinfônica, como solução para problemas orçamentários.

E com isso, de uns tempos para cá, a cidade tem tido de passar anualmente pela vexaminosa humilhação de ver seu honrado nome nas manchetes e textos de chamada de jornais escritos, falados e televisados, como a cidade que levou 14 anos para formar a melhor sinfônica pública do país, para depois querer destruí-la em dias, sob a alegação oficial de que a Orquestra dá despesas. Isto numa cidade que possui um orçamento de receita equivalente (quando não maior) e com igual poder de recuperação à de muitos Estados da União. Que vergonha!

Bem, mas agora que a insidiosa ameaça (que, inclusive, teria validade legal muito discutível) parece pelo menos momentaneamente afastada, há emergentes providências a tomar, não só para se manter a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, mas também para se manter a sua atividade e sua justíssima fama nacional.

E, pra tal, a orquestra precisa desde logo pagar melhor a seus músicos, porque seus níveis salariais já estão menores que os de orquestras congêneres no país, o que começa a criar evasão: sabe-se que a orquestra está com menos de 90 músicos, quando o efetivo de uma sinfônica-padrão tem de passar de 100. E se a nossa orquestra não pagar o que pagam as demais orquestras de sua categoria no país, ela não terá músicos da categoria dos dessas outras orquestras, e o seu nível começará a perecer.

É evidente que uma tal providência ocasiona dificuldades financeiras a quem se disponha a manter uma orquestra de nível. Mas as dificuldades existem para serem vencidas — não para serem simplesmente ceifadas.

É claro que não teria sentido algum, uma comunidade laboriosa e consciente como a da cidade de Campinas, manter uma orquestra sinfônica se ela só trouxesse dificuldades financeiras para essa mesma comunidade. Mas acredito que todos estejamos bastante conscientes de que a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, tal como está hoje, não traz apenas dificuldades financeiras para a cidade: ela traz também um tipo especialíssimo de lazer artístico, tão necessário para o espírito como são o asfalto, a luz, a água e o esgoto, para o corpo. Além disso, a nossa Sinfônica está conseguindo “fazer uma linguagem” de tal forma eficaz, que emociona, enleva, instrui e enobrece todo e qualquer cidadão desde

os frequentadores do Centro de Convivência Cultural, até os detentos de nosso presídio. E ela o vem fazendo de forma a constituir-se, hoje, no mais prestante setor da municipalidade, graças ao trabalho de base diuturno e incessante do Maestro Benito Juarez e graças às condições de trabalho que a comunidade, através da Prefeitura, lhe tem oferecido até o momento — verdade seja dita — de uma forma correta e por todos os motivos elogiável.

Além disso, a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas não é propriedade particular de nenhum prefeito, nem de nenhum vereador, nem de ninguém: ela pertence ao povo da cidade, cujos impostos a mantêm. E o povo gosta dela, e quer que ela seja mantida.

Por outro lado, pelo nível artístico que a nossa orquestra vem atingindo, ela pertence já ao país todo, pois ninguém ignora que muitas outras cidades, muitos outros Estados brasileiros, e até mesmo o Governo Federal já têm pago dinheiro para vê-la e ouvi-la, e ela tem sido sempre aplaudidíssima, e ninguém até agora se arrependeu do dinheiro que gastou para aplaudi-la. Logo, ela tem de ser mantida.

Mas então, como fazê-lo? É simples. A propalada Fundação Mantenedora há vários anos tem condições legais de ser criada. É evidente que só se cria uma Fundação a partir de quando se constituem os fundos que a vão alimentar. E há muitas formas de fazê-lo: amplo estacionamento público, por exemplo, que fosse criado em ponto estratégico da cidade, e que tivesse seu lucro revertido para essa Fundação, já foi até aventado como idéia — e já seria uma boa ajuda. Entidades locais dinâmicas e operosas, como a Associação Comercial e o Centro das Indústrias, poderiam também conseguir o carreamento de uma pequena porcentagem dos lucros das empresas a elas filiadas, para essa Fundação.

Ademais, ninguém ignora que o novo ministro da Educação e Cultura, que assumiu suas funções há exatamente um mês, e que portanto está com sua atuação ainda em planejamento, e com o orçamento de seu Ministério ainda praticamente intacto, já declarou várias vezes que pretende dar ênfase à Cultura, em sua gestão. Assim sendo, um contato imediato e hábil da Prefeitura de Campinas com o Sr. Ministro da Educação e Cultura, bem como com órgãos do Departamento de Assuntos Culturais do MEC, a Fundação Nacional das Artes e o Instituto Nacional de Música, poderá resultar no estabelecimento de convênios que, acionados à nossa Sinfônica a nível nacional, poderão também carrear para ela recursos financeiros que satisfaçam pelo menos boa parte de suas necessidades.

Convênio análogo poderia também ser tentado com a Secretaria de Cultura do Governo do Estado.

Enfim, soluções há muitas, desde que a Orquestra mantenha seu nível em ascensão, e a cidade possua suficiente disposição para o trabalho e poder de persuasão para conseguí-las.

Por tudo isso, estão de parabéns os quinze senhores vereadores de nossa Egrégia Câmara Municipal, que — na histórica noite de 3 de abril, sob os entusiasmos e justos aplausos do povo, disseram “não” às intenções assassinas que por algum tempo ameaçaram a nossa Orquestra.

Agora, senhores da Sinfônica, ao trabalho.